

SOCIEDADE
ENSINOA PPP
que
ninguém
conhece

A regência de uma cadeira de Medicina, em Lisboa, foi entregue a um hospital privado.

Fomos às aulas, na CUF, e tomámos o pulso a uma Parceria Público-Privada – a única? – que funciona

POR SARA RODRIGUES



«É o sonho da minha vida.» João Paço, 63 anos, não esconde o orgulho quando vê os estudantes entrarem para a sala de aula. O otorrino – e presidente do Conselho Médico da José de Mello Saúde – vai tirando o casaco e explica que aquele 3.º piso do Hospital CUF – Infante Santo, na capital, está inteiramente reservado à formação. E a sala onde nos encontramos é exclusiva dos seus doutorinhos, como carinhosamente são apelidados pelo pessoal do hospital. Rapidamente, os dez estudantes do 4.º ano do curso de Medicina da Universidade Nova de Lisboa, tomam os seus lugares para o briefing da manhã. Mais tarde, dividir-se-ão em grupos, com destino ao bloco operatório, às consultas e aos exames médicos.

Pela primeira vez, a regência de uma disciplina de Medicina – no caso a Otorrinolaringologia – é atribuída a um hospital privado. E João Paço descarta polémicas. «O ensino público não pode nem deve olhar para isto com desconfiança.» Até porque, como diz o especialista, há «alguma hipocrisia na classe», já que «muitos médicos, de manhã, estão no serviço público, e, à tarde, vão para o privado». Mas, quando se fala de formação no privado, «ai, ai, ai» – imita João Paço.

Os doutorinhos, esses, mostram-se satisfeitos. Em coro, não poupam nos elogios à organização e à dedicação dos docentes da CUF. «Há muitas diferenças – e para melhor», ouve-se primeiro; «Aqui interessam-se mais por nós e não

nos sentimos abandonados», completa, de seguida, outro estudante.

DESCENDÊNCIA MÉDICA

João Paço continua a lição. A dois dias de um exame escrito, há dúvidas a tirar. As fotografias de ouvidos internos e as TACs, expostas em cada uma das paredes laterais, ajudam a acertar. Pala-se de otosclerose, otite, surdez súbita ou flutuante. As respostas prontas não surpreendem João Paço. «Estes alunos esforçaram-se muito para chegarem aqui», diz, perentório. E acrescenta, para que não restem quesitos: «Se tenho jovens que querem estudar, há que dar-lhes as melhores condições – que já existem no privado.»

Raio-X
Simplex & eficaz

Como é dada a disciplina de Otorrino na CUF – Infante Santo

- 1 Os alunos começam por assistir a um briefing/aula
- 2 De seguida, vão para consultas, exames médicos e operações
- 3 A assiduidade e os serviços clínicos por onde passam são anotados num logobook (pasta) individual
- 4 Os estudantes têm à disposição sete pequenos manuais – que lhes são oferecidos –, elaborados pelos professores da CUF

PROXIMIDADE João Paço com os seus doutorinhos, como carinhosamente os estudantes são chamados pelo pessoal da CUF – Infante Santo

Pelas cadeiras desta sala de aula vão passar, no atual ano letivo, cerca de 200 alunos daquela faculdade. A disciplina de otorrino é dada por blocos, num total de 84 horas, e os estudantes vão alternando, entre si, as idas à CUF e ao polo instalado no Hospital Egas Moniz – também sob orientação de João Paço. O médico, que lidera a equipa docente constituída por mais cinco assistentes, encara esta responsabilidade com particular brio. Aliás, a sua carreira como professor já leva mais de 20 anos – antes lecionava na Faculdade de Medicina de Lisboa. Mas o fulgor do seu discurso e o sorriso do olhar desvendam o sentimento de dever cumprido e a enorme devoção à profissão. E, embora longe da retirada, já anda a preparar descendência médica. «Tenho três assistentes a doutorar-se», comenta. Para João Paço, não faz sentido ser de outra forma: «Quero que aquilo que criei tenha continuidade.»

O briefing não termina sem que os alunos peçam ao professor para assinar os seus logobooks – pastas onde anotam as horas de aulas frequentadas e os serviços clínicos por onde vão passando.

«É uma forma de nos organizarmos melhor», explica uma estudante. Que deixa cair uma confidência: «Não temos isto no público.»